

ANTONIO CONSELHEIRO, CONSTRUTOR DE IGREJAS E CEMITÉRIOS^(*)

José Calasans

Honório Vilanova, uma das figuras de Canudos, revelou a Nertan Macedo que ouvira, por volta de 1873, no lugar denominado Urucu, Ceará, Antonio Conselheiro dizer que “tinha uma promessa a cumprir: erguer vinte e cinco igrejas. Que não as construiria, contudo, em terras do Ceará”¹.

Três anos depois, quando começava a dar cumprimento à promessa, disse, em Salvador, respondendo laconicamente a um interrogatório policial: “apenas se ocupava em apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas”². Em seguida, ainda preso, depôs em Fortaleza, perante autoridade da polícia cearense, explicando o que fazia nos sertões: “Disse, que sendo casado e não podendo viver em harmonia com a mulher, resolvera seguir uma vida de martírio e o seu único fim era aconselhar o povo, tendo já erguido algumas igrejas e construído alguns cemitérios”³.

Muito tempo decorrido, quando se tornara conhecido pela sua incessante atividade de edificador de capelas, o Bom Jesus Conselheiro, falando aos seus milhares seguidores em Canudos (Belo Monte), no ato do recebimento da chave da igreja de Santo Antonio, por ele construída, proclamou a utilidade da edificação dos templos; “Vejam fiéis se não é de grande utilidade e agradável aos divinos olhos do nosso Bom Deus a construção dos Templos: À vista destas verdades quem deixará de concorrer para a construção dos Templos? Quem ainda se nutrirá da tibieza e indiferentismo para um fim tão útil e importante que

(*) Publicado na *Revista Brasileira de Cultura*, Brasília, n. 16, abr./jun., 1973.

1 MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. p. 38.

2 RODRIGUES, Nina. *As Coletividades Anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p. 57.

3 *Jornal de Notícias*, Salvador, 30 ago. 1897. Transcrito de *O Cearense*, Fortaleza, 23 ju1. 1876.

se bem considerasse a criatura os merecimentos que em vida mesmo alcança de Deus, certamente não deixaria de concorrer com suas esmolas e com seus braços para a construção de tão belas obras”⁴.

Tendo feito, no início da sua vida de peregrino, uma promessa de levantar igrejas nos sertões nordestinos, plenamente convencido de que a tarefa era útil e agradável aos divinos olhos do Bom Deus, Antonio Vicente Mendes Maciel procurou realizar uma das finalidades de sua existência. Não se limitou, como declarara biblicamente, a “apanhar pedras pelas estradas”. Empregou todos os meios ao seu alcance, a fim de atingir ao objetivo colimado, influenciando pessoas para obter os recursos materiais, movimentando gente para os trabalhos das construções. Fez-se, assim, inquestionavelmente, o maior edificador de igrejas dos sertões da Bahia, naquela zona compreendida entre os rios São Francisco, Vaza-Barris e Itapicuru, por onde peregrinou durante quase um quartel de século, de 1874 a 1897. Euclides da Cunha anotou, com propriedade: “Em toda esta área não há, talvez, uma cidade ou povoado onde não tenha aparecido. Alagoinhas, Inhambupe, Bom Conselho, Jeremoabo, Cumbe, Mucambo, Massacará, Pombal, Monte Santo, Tucano e outros viram-no chegar acompanhado da farândula de fiéis. Em quase todas deixava um traço da sua passagem: aqui, um cemitério arruinado de muros reconstituídos; além, uma igreja renovada; adiante, uma capela que se erguia, elegante sempre”⁵.

Teria Antonio Conselheiro atingido o número de igrejas que pretendia construir? Pelas pesquisas por nós realizadas, a resposta seria negativa se nos

4 MACIEL, Antonio Vicente Mendes. *Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do Mistério da Anunciação*. Manuscrito encontrado no Santuário, Canudos, após a queda do Arraial, pelo acadêmico de medicina João de Souza Pondé e pelo mesmo oferecido a Afrânio Peixoto, que o transferiu a Euclides da Cunha, após a publicação de *Os Sertões*. Com a morte de Euclides, terminou sendo levado para a Livraria São José, Rio de Janeiro, aí adquirido pelo poeta Aristeu Seixas, da Academia Paulista de Letras. Pertence, hoje, aos herdeiros de Aristeu Seixas.

5 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 14ª ed. corrigida. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 19-38. p. 168.

apegássemos apenas às igrejas. Consideremos, porém, que o Bom Jesus Conselheiro, no depoimento de Fortaleza, mencionou igrejas e cemitérios, mui justamente englobados numa relação de obras. Assim sendo, reunindo capelas construídas ou restauradas, cemitérios levantados ou reparados, em Sergipe e principalmente na Bahia, Antonio Vicente Mendes Maciel esteve próximo da meta colimada, descontadas umas poucas realizações que a memória dos homens houvesse esquecido.

Pela primeira vez, ao que supomos, vão ser devidamente relacionadas as obras que Antonio Conselheiro levou a efeito, nos sertões nordestinos. Se considerarmos a época das suas realizações, as dificuldades sem conta para as tarefas empreendidas, justo é consignar os méritos de sua ação obreira, sem competidor na segunda metade do século XIX, senão mesmo em todo o envolver da zona em apreço. Nenhuma outra pessoa, tendo em vista os problemas da fase estudada, prestou maiores serviços aos sertanejos. O malogro da sua obra com a tragédia em que o sertão se viu envolvido nos anos de 1896 a 1897, no maior drama de incompreensão da história brasileira, com erros acumulados de todas as partes e origens, não pôde, de forma alguma, obscurecer a atividade do Bom Jesus, que pregava para o bem, ajudava os desafortunados, abria tanques para recolher água nas terras das secas, erguia capelas, levantava cemitérios, realizando uma missão que o poder público e a autoridade eclesiástica não tinham, muitas vezes, condições ou vontade de empreender.

1. IGREJA DA RAINHA DOS ANJOS

Pertencia à freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima e parece haver sido a primeira obra do Conselheiro, realizada em 1874 e 1876. A capela era antiga e foi então restaurada. Em sua edição de 27 de junho de 1876, noticiando a prisão de Antonio Vicente, escreve o *Diário da Bahia*: “Também há reedificado templos como aconteceu com a capela da Rainha dos Anjos no

Itapicuru e construção de cemitérios”⁶. Sílvio Romero, nos seus *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*, aparecidos na *Revista Brasileira*, em 1879, possivelmente baseado em informações colhidas em Sergipe, refere-se à igreja que julgava fundada pelo místico de Quixeramobim: “Um indivíduo criminoso do Ceará, saiu a fazer penitência a seu modo e inaugurou prédicas públicas... No seu percurso, veio ter aos sertões da Bahia e fundou uma igreja em Rainha dos Anjos. Chamavase Antonio e o povo o denominava - o Conselheiro. Passou por Sergipe, onde fez adeptos”⁷.

Situada em posição aprazível a pequena localidade continua no município de Itapicuru. A capela foi inteiramente reformada.

2. CEMITÉRIO DO APORÁ

Em 1875, Antonio Conselheiro procurou o vigário da freguesia de Aporá, padre João José Barbosa, oferecendo-se para concluir o cemitério local, iniciado pelos padres lazaristas. Queria, porém, autorização eclesiástica para rezar o terço e pregar aos fiéis. Consultado o vigário capitular, o pedido foi recusado. O peregrino poderia, apenas, rezar o terço, nunca fazer pregação, que era atribuição do sacerdote. Inconformado com a decisão, Antonio Vicente não continuou os trabalhos por ele começados⁸.

Os dois serviços acima referidos, a reedificação da capela da Rainha dos Anjos e a inacabada tarefa do cemitério de Aporá, são os únicos de que obtivemos notícias como efetuados antes da prisão do beato, ocorrida em 1876. Preso e enviado para Quixeramobim, sua vila natal, onde foi posto em liberdade no

6 "Antonio Conselheiro". *Diário da Bahia*, Salvador, 27 de junho, 1876.

7 ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Liv. Clássica de Alves & Cia., 1879. p. VI.

8 CALASANS, José. *Notícias de Antonio Conselheiro*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1969. p. 9 (Publ. nº 56).

mesmo ano, porque nenhum crime cometera, Antonio Vicente teria retomado ao nordeste baiano logo e logo, havendo informação, embora vaga, do seu reaparecimento no terrível 1877, quando a seca assolava as terras sertanejas. A partir de 1877, aumentou extraordinariamente a popularidade do Santo Conselheiro, cuja palavra era ouvida com o maior respeito e as determinações rigorosamente observadas. Fazer igrejas e cemitérios era a ordem do chefe messiânico. Informados da ação construtiva do Conselheiro, choviam os pedidos dos pontos mais distanciados, não sendo alheios aos mesmos os próprios vigários das freguesias, que faziam concessões ao Bom Jesus Conselheiro, permitindo mesmo suas pregações. Um dos padres que mais se aproximaram do peregrino foi o vigário de Itapicuru, Antonio Agripino da Silva Borges.

3. CEMITÉRIO DO ITAPICURU

Segundo a tradição, de retomo à Bahia, Antonio Conselheiro ajudou o vigário Agripino Borges na construção do muro do cemitério de Itapicuru. Membro ativo do Partido Liberal, o pároco combatia os conservadores, chefiados pelo Dr. Cícero Dantas Martins, depois Barão de Jeremoabo, de grande influência política local. Jeremoabo, segundo declaração própria, não via simpaticamente o Conselheiro, enquanto seu adversário político tudo fazia para manter as boas relações com o construtor de igrejas, de quem se tomou amigo.

4. IGREJA DE MOCAMBO

De acordo com as informações de Antonio Marques da Silva⁹, terminada a obra do cemitério de Itapicuru, rumou Antonio Vicente para a fazenda Mocambo, de propriedade do médico Dr. Pedro Ribeiro, onde construiu uma capela sob a invocação de São João Batista, terminada em 1882. Um contemporâneo do Conselheiro, Durval Vieira de Aguiar, coronel da Polícia Baiana, em duas

⁹ Informação prestada ao autor pelo Sr. Antonio Marques da Silva, agente estatístico do município de Itapicuru, em correspondência datada de 19 de março de 1965.

oportunidades fez referências à Igreja de Mocambo, citando-a como construção de Antonio Conselheiro. Na primeira, recordando sua passagem pela povoação do Cumbe, escreveu: “Nesta ocasião, havia o Conselheiro concluído a edificação de uma elegante igreja no Mocambo e estava construindo uma excelente igreja no Cumbe, onde a par do movimento do povo, mantinha ele admirável paz”¹⁰. Anos passados, em carta endereçada ao **Jornal de Notícias**, repetiu: “Em 1882 o vi concluir a edificação de uma capela no Mocambo e começar outra no Cumbe”¹¹.

A igreja do Mocambo, localidade posteriormente denominada de Nova Olinda e, no presente, chamada Olindina, foi demolida em 1961, devido à sua localização e para atender ao novo traçado urbanístico, permanecendo porém, o cruzeiro erguido por ocasião da construção do templo primitivo¹².

5. IGREJA DO CUMBE

O antigo Cumbe tem hoje a denominação de Euclides da Cunha, cidade e município do Nordeste baiano. Como vimos, nas duas declarações de Durval Vieira de Aguiar, ele vira o Conselheiro começar a igreja do Cumbe. Entretanto um velho sobrevivente de Canudos, Manoel Ciriaco, afirmou-nos que a capela fora erguida por um outro Conselheiro, de nome Francisco, homem muito alegre e folgazão. José Aras, autor de um folheto a respeito do município, também indica o Conselheiro Francisco como o construtor da capela e do cemitério de Cumbe, quando assegura: “Nessa época (1880), andava por ali um penitente, o ‘Conselheiro Francisco’ que se ocupou da construção do cemitério e da capela,

10 AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições Práticas da Província da Bahia*. Salvador: Tip. do Diário da Bahia, 1888. p. 76.

11 *Jornal de Notícias*, Salvador, 13 de junho de 1893.

12 Informações de Antonio Marques da Silva.

não faltando quem transportasse pedras dos morros vizinhos e ‘linhas’ de troncosas aroeiras, encontradas no Pedregulho e no Saco do Zumbi”¹³.

6. **IGREJA DO CHORROCHÓ**

Na década de 1880, quando foi levantada a igreja em estudo, Chorrochó era uma localidade de poucas centenas de habitantes, encravada no município de Capim Grosso, na região do São Francisco. Para Euclides da Cunha, o Conselheiro andava nos sertões de Curaçá, desde 1877, portanto, logo após seu retorno do Ceará. É o que consta em **Os Sertões**: “Vagueia, então, durante algum tempo, pelos sertões de Curaçá, estacionando (1877) de preferência em Chorrochó, lugarejo de poucas centenas de habitantes, cuja feira movimentada congrega a maioria dos povoadores daquele trecho do São Francisco. Uma capela elegante indica-lhe, ainda hoje a estadia”¹⁴. A informação a respeito da data não coincide com o texto da **Enciclopédia dos Municípios**, volume XX, no verbete correspondente a Chorrochó: “Em 1884 ali chegou o fanático Antonio Vicente Mendes Maciel, que iniciou a construção de uma igreja, contando com o auxílio material de grande número de seus seguidores. Essa igreja recebeu, mais tarde, a invocação do Senhor do Bonfim”¹⁵. A conclusão da obra teria sido em 1885, conforme dizem na atual cidade de Chorrochó, pelo que se depreende de uma reportagem publicada na imprensa baiana, que assim reza: “Num dia do ano de 1885, o peregrino, como era conhecido, entregava à população cabocla daquele distrito, remanescente dos Cariris, a Igreja que se tomaria a quinta que levantou no coração agreste da região”¹⁶. É possível que, no ano evocado, tenha sido dada por terminada a edificação da igreja, mas sabemos que, em fins de

13 ARAS, José. *História de Euclides da Cunha*. Feira de Santana: Tip. Folha de Norte, 1960. p. 15.

14 CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, p. 168.

15 *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro, 1958, v. XX., p. 159.

16 “A igreja secular é marco do Conselheiro em Chorrochó”. In *Diário de Notícias*, Salvador, 5 de janeiro, 1968.

1886, ainda arrecadava o Conselheiro recursos para o templo de Chorrochó, porque pelo menos assim o julgava Luís Gonzaga de Melo, delegado de Itapicuru, em ofício enviado ao Dr. Domingos Rodrigues Guimarães, denunciando as atividades de Antonio Conselheiro no arraial do Bom Jesus, onde os crentes arranjavam, de qualquer modo, dinheiro para a edificação da capela do lugar e para a de Chorrochó. Comunicava Luís Gonzaga de Melo: “Na construção dessa capela, cuja féria semanal é de quase cem mil réis, décuplo de que devia ser pago, estão empregados cearenses, aos quais Antonio Conselheiro presta a mais cega proteção, tolerando e dissimulando os atentados que cometem, e esse dinheiro sai dos crédulo e ignorantes, que, além de não trabalharem, vendem o pouco que possuem e até furtam para não haver a menor falta, sem falar nas quantias arrecadadas que tem sido remetidas para outras obras no Chorrochó, termo de Capim Grosso”¹⁷.

A Igreja de Chorrochó, a mais imponente das capelas até então levantadas, recorda, ainda nos dias correntes, a passagem do Conselheiro na região sanfranciscana. Bem defronte ao templo, na praça principal, alça-se um cruzeiro, sob base de cal e pedra, cercado de madeira, constituindo uma espécie de coreto, onde o Conselheiro fazia suas prédicas, conforme declaram habitantes da cidade¹⁸.

7. IGREJA DO BOM JESUS

Trinta quilômetros distantes da sede da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima, num agradável tabuleiro, ficava a fazenda Dendê de Cima, onde possuíam terras em 1857, Dionísia Florinda de Santana e Bernardina Francisca da Conceição. Mais além, perto do riacho Pecuária, no lugar denominado Dendê de Baixo, eram proprietários José de Souza Barbosa e

17 MILTON, Aristides A. “A Campanha de Canudos”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: v. 63, n. 2, p. 112-116, 1901.

18 *Diário de Notícias*, Salvador, 5 de janeiro, 1968.

Maria Ferreira de Souza, conforme consta do competente livro de registro de terras do município de Itapicuru, destinado à observância da lei geral de 1854. A zona recebera a denominação de Dendê, em virtude da grande quantidade da planta (*Elaeis guineensis* Jacq.) do mesmo nome ali existente, explicam os velhos do local. Na fazenda de Dionísia Florinda de Santana, uma santa cruz fora fincada em memória de um crime ali praticado. Uma mulher mandara matar o marido, reza a tradição.

Perto da santa cruz, em ano desconhecido, Antonio Conselheiro deliberou estabelecer sua moradia, mandando que seus seguidores derrubassem a mata e levantassem casas. Numa delas, recolheu-se o próprio peregrino. “Uma casa imunda sem um móvel ao menos onde me pudesse sentar”, escreveu ao **Jornal de Notícias** um viajante que por lá andou, Maximiano José Ribeiro¹⁹. “Construiu também, na praça extensa, um barracão para abrigar romeiros e cavou um tanque onde os habitantes iam buscar água. Batizou o arraial com o nome de Bom Jesus e tratou de edificar a capela sob sua invocação, defronte da qual ergueu um imponente cruzeiro. A capela, com ligeiras modificações, e o santo cruzeiro ainda permanecem como nos primeiros tempos, com grande respeito dos moradores da cidade, hoje chamada Crisópolis, depois de haver sido arraial do Bom Jesus e Vila Rica. Quando um pároco inovador quis transformar o templo, não contou com o apoio dos seus paroquianos e desistiu da ideia”.

Trata-se de uma das igrejas mais conhecidas do Conselheiro, “lindo e elegante templo do Bom Jesus”, que a imaginação sertaneja considera a mais bela dos sertões da Bahia, com o interior revestido de lâminas de ouro, ornamentada à semelhança da igreja de São Francisco na Bahia²⁰, o que não é exato.

19 “Antonio Conselheiro”. *Jornal de Notícias*, Salvador, 16 de junho de 1893.

20 “O que resta de Canudos arrasada”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 de Janeiro, 1966. p. 15.

No frontal do templo, figura a data de 1892, possivelmente o ano em que o vigário de Itapicuru, padre Agripino Borges, benzeu a igreja, com grandes festas, música e foguetório, conforme declara um antigo morador do local, Marcos Dantas de Menezes, nascido por volta de 1880.

Em 1886, já o Conselheiro estava trabalhando nas obras da capela, gastando cerca de 100\$000 por semana, denunciou o delegado de Itapicuru, considerando ser a importância o décuplo do que devia ser pago.

8. IGREJA DE BERITINGA

Não encontramos quaisquer documentos referentes à participação do Conselheiro na construção da Igreja de Beritinga, antigamente Manga. Sabemos, todavia, por informação do professor Júlio Santana Braga, da Universidade Federal da Bahia, ser voz corrente, na referida cidade, haver Antonio Vicente levantado a igreja que ali se encontra. Cipriano José de Sousa, em Itapicuru, enumerando templos erguidos pelo Irmão Antonio, incluiu o de Beritinga, município baiano da região do Nordeste, desmembrado de Serrinha.

9. CEMITÉRIO DE ENTRE RIOS

O ilustre advogado baiano, Dr. Ulbaldino Gonzaga, natural de Entre Rios, viu e recorda a chegada, em 1887 ou 1888, de Antonio Conselheiro em sua cidade natal, com grande número de acompanhantes conduzindo pedras para o muro do cemitério local. Arribou no mesmo dia, acrescenta o distinto informante, ainda lúcido, apesar da idade provectora.

A construção datava da época do vigário Luís da Costa Batista que contara com a ajuda do povo, segundo documenta correspondência arquivada no Arcebispado da Bahia²¹.

10. CAMINHO DA SANTA CRUZ

Jota Sara, pseudônimo de José Ares, morador em Bendengó e conhecedor das histórias e estórias sertanejas atinentes à vida e às obras do Bom Jesus Conselheiro, reconstruiu, num folheto rimado, muitos episódios do tempo de Canudos. Tratando do “caminho da Santa Cruz” e estrada pontilhada de capelinhas que frei Apolonio de Todí fez surgir em Monte Santo, versejou, falando ao Bom Jesus:

*Construiu em Monte Santo
O Caminho da Santa Cruz
O povo dizia na reza;
Do céu baixou uma luz
Quem não fizer o bem
Dom Sebastião já vem
Mandado do Bom Jesus²².*

A tradição recolhida por Jota Sara pode ser comprovada através da notícia enviada, em 1893, pelo correspondente do ***Diário de Notícias*** em Monte Santo, a propósito de Antonio Conselheiro: “Fui testemunha ocular, de que, quando aqui estive o ano passado, envidou meios de fazer-se alguns reparos nas capelas e na estrada do Monte, daqui, a fim de não continuar a decadência em que se

21 *Correspondência do Arcebispo Dom Jerônimo Tomé*, 1894, v. I, Arquivo da Arquidiocese de São Salvador, Bahia.

22 SARA, Jota. *História da Guerra de Canudos*. 4ª edição. Euclides da Cunha, 1963. p. 7.

achava a instituição da irmandade dos Santos Passos do Senhor do Calvário, pedindo e aplicando o resultado das esmolos que recebia para este fim”²³.

História e tradição juntas atestam a valiosa ação de Antonio Vicente na reconstrução dos “passos” de Monte Santo.

11. CEMITÉRIO DA RIBEIRA DO PAU GRANDE

Maximiano José Ribeiro, já citado nesta comunicação, empregado da firma Barbosa & Eduardo, de Salvador, andava pelo interior do Estado da Bahia, conhecendo, portanto, os trabalhos efetuados pelo Conselheiro, de quem fazia lisonjeiro conceito. Visitou-o, certa feita, no arraial do Bom Jesus, tendo sido recebido afetosamente. Em 1893, dirigiu-se ao **Jornal de Notícias**, relacionando obras de Antonio Vicente Mendes Maciel: “Em sua peregrinação, só tem feito benefícios, levantando templos e cemitérios, dos quais conheço um lindo e elegante templo no Bom Jesus, outro no Mocambo, outro na Rainha dos Anjos e o cemitério da vila da Ribeira do Pau Grande”²⁴. A antiga vila é, na atualidade, a cidade de Ribeira do Amparo.

12. CEMITÉRIO DE TIMBÓ

É tido como absolutamente certo, entre as pessoas do local e das vizinhanças, haver sido levantado, pelo Santo Conselheiro, o cemitério de Timbó, no município de Esplanada. O octogenário Marcos Dantas de Menezes, algumas vezes invocado em nosso trabalho, disse-nos em duas oportunidades: “o Conselheiro fez o cemitério de Timbó”.

13. IGREJA DO SOBRADO EM APORÁ

23 *Diário de Notícias*, Salvador, 7 de junho, 1893.

24 "Antonio Conselheiro". *Jornal de Notícias*, Salvador, 16 de junho, 1893.

Deparamos no livrinho de Jota Sara, obra de autor anteriormente comentado:

*Fez a igreja do Sobrado
Na vila de Aporá
Fez em Timbó e Esplanada
E reconstruiu outras lá²⁵.*

O repórter Luís Paraguasu ouviu do aedo sertanejo acima referido: Aceitaram-no os padres (a Antonio Conselheiro) e o convidaram para construir a igreja de Aporá, com dois andares. Viveu ele 31 anos no interior da Bahia, construindo 30 igrejas, algumas reconstruídas²⁶.

Não foram, evidentemente, 31 anos, pois remonta a 1874 a chegada do Conselheiro aos sertões baianos, onde veio a morrer em 1897. Não teriam sido também 30 as suas igrejas. Pelo menos as que conseguimos apurar.

14. IGREJA DE ESPLANADA

Uma mera referência na poética de Jota Sara, no item anterior. Nada mais sabemos a tal respeito. Lembramos, contudo, que Antonio Conselheiro conquistou muitos adeptos em Esplanada, onde apareceu com frequência. Talvez houvesse feito reparos em alguma ermida da Freguesia.

15. CEMITÉRIO DE VILA CRISTINA (SERGIPE)

Vila Cristina, Cristinápolis nos dias presentes, integrou, durante muito tempo, a freguesia de Itabaiana, onde Jota Sara localiza uma igreja do Conselheiro:

25 SARA, Jota. *Op. cit.*, p. 5.

26 O *Globo*, Rio de Janeiro, 19 de janeiro, 1966.

Fez Igreja em Sergipe
Campos e Itabaianinha²⁷.

Em Cristinópolis, apresentamos nosso testemunho pessoal, disseram-nos alguns moradores, que o Conselheiro fizera obras no cemitério. A **Folha de Sergipe**, Aracaju, edição de 2 de abril de 1897, registra a construção do cemitério pelo Conselheiro.

16. IGREJA DE CAMPOS

Quando, ainda na década de 50, iniciamos nossas pesquisas sobre Canudos e Antonio Conselheiro, conversamos longamente com Antonio Alves de Oliveira, apelidado Cafubeira pelos seus companheiros de repartição. Era funcionário dos Correios e Telégrafos e nascera em Campos, atual Tobias Barreto, em Sergipe. Conhecera em sua cidade um senhor de nome Sô Bem, que tinha alguns filhos doentes mentais e era amigo e compadre do Conselheiro, a quem hospedava em suas passagens por ali. Recordava o nosso informante que o Santo viajava num carro puxado pelos seus adeptos. Assegurou-nos que o futuro chefe de Canudos executara alguns reparos na Igreja de Campos. O verso de Sara confere com a indicação que nos foi dada por pessoa digna de crédito.

17. IGREJA DE NATUBA

O caso de Natuba, depois Soure, presentemente Nova Soure, é singular. O povoado, antiga missão jesuítica, possuía sua igreja, a merecer consertos. Certa feita, na ausência do vigário, com quem não vivia em harmonia, o Conselheiro apareceu e mandou carregar pedras para fazer os necessários reparos. Com a chegada do padre, modificou-se a situação. O sacerdote entregou aos

27 SARA, Jota. *Op. cit.*, p. 7.

proprietários as pedras acumuladas, que, assim, calçaram os passeios de suas casas. Irritou-se o velho construtor de igrejas e partiu amaldiçoando a cidade ingrata. Euclides da Cunha, a quem devemos o conhecimento do fato, prosseguiu:

"Tempos depois, a pedido do mesmo vigário, certa influência local o chamou. O templo desabava, em ruínas: o mato invadira todo o cemitério e a freguesia era pobre. Só podia renová-la quem tão bem dispunha de matutos crédulos. O apóstolo deferiu ao convite. Mas fê-lo através de imposições discricionárias, lembrando, com altanaria destoante da pacatez antiga, a afronta recebida"²⁸.

Em Simão Dias, Sergipe, o ancião José Marçal, que se lembrava do Conselheiro chegando à vila, contou a Joaquim Góes, que por sua vez repetiu a Nertan Macedo: "O Peregrino continuou viagem para Itapicuruzinho, daí para a vila de Natuba, onde construiu (ou teria apenas ajudado a construir) o cemitério e a primeira Igreja daquela terra"²⁹.

Evidentemente, tendo em vista a origem remota da localidade no século XIX, Antonio Conselheiro apenas poderia colaborar na restauração de uma antiga Casa de Deus.

18. IGREJA DE SANTO ANTONIO (CANUDOS)

A história desta igreja é assaz conhecida. Numa das suas peregrinações, passando pelo arraial de Canudos, Antonio Conselheiro prometeu ao negociante de couro Antonio da Mata, de quem foi hóspede, que voltaria para levantar uma capela, de vez que a existente era muito pequena. Cumpriu a promessa, levantando a Igreja de Santo Antonio, já estava quase pronta, quando ele veio a se fixar à margem do Vaza-Barris, em 1893. A benção do templo, que admitimos

28 CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, p. 179.

29 MACEDO, Nertan. *Antonio Conselheiro*. Rio de Janeiro: Record, 1969. p.157.

tenha sido dada pelo vigário do Cumbe, padre Vicente Sabino dos Santos, foi um grande acontecimento, com muitos batizados e casamentos, que Pedrão e Manuel Ciriaco, contemporâneos dos fatos, rememoraram em nossa presença. Antonio Conselheiro pronunciou um discurso escrito por ocasião do recebimento da chave da Igreja de Santo Antonio, dando graças a Deus, enfatizando a necessidade das construções de igrejas, atacando os judeus, os protestantes e os maçons. A chave da Igreja está hoje guardada no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, trazida do Belo Monte, após sua destruição, pelo acadêmico de medicina Alvim Martins Horcades. Como de praxe, defronte da Igreja, o cruzeiro. Contém a inscrição: “Edificada em 1893. A.M.M.C.”. No final da lápide, as iniciais: M.M.G. As primeiras letras significavam Antonio Mendes Maciel Conselheiro. As outras, anotou Pedro Calmon: Mestre Manuel Gonçalo, fundidor³⁰.

Como o buriti de Afonso Arinos, o velho cruzeiro, “testemunha sobrevivente do drama”, não foi destruído. Ficou no arraial. Agora, quando as águas do açude de Cocorobó inundaram o Belo Monte, foi transferido para a nova Cidade de Canudos.

19. IGREJA DO BOM JESUS

O arraial cresceu e cresceu muito, desde a chegada do Santo Conselheiro. Milhares de pessoas, procedentes de distanciados pontos dos sertões, deslocaram-se para o lugar sagrado. Foi necessário, por isto, talvez, erguer outro templo, bem maior, defronte da capela de Santo Antonio. Na praça das Igrejas. Mais do que um local para rezas, a nova construção seria uma fortaleza destinada a conter as forças do governo. Assim, pelo menos, julgava a imprensa do tempo da Guerra de Canudos.

30 CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. v. 5, p. 199.

Foram as obras da igreja nova, que não chegou a ser concluída, o motivo da sangrenta luta fratricida, principiada em 1896. Por intermédio de Macambira, um dos seus homens de confiança, o Conselheiro encomendou madeira na cidade de Juazeiro, a pagar com os recursos da comunidade. Espalhou-se, porém, na cidade, que os jagunços iriam buscar de qualquer forma a encomenda, cuja entrega fora retardada. Seria a hora do assalto ao importante centro urbano do rio São Francisco. O pânico dominou algumas autoridades locais, a começar pelo juiz de direito, Dr. Arlindo Leoni. Foi pedida a presença de tropa para garantir Juazeiro. Indo além, um destacamento de linha, comandado pelo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, tomou o rumo de Canudos, desde que os conselheiristas não apareciam no povoado de Uauá, travou-se o primeiro choque. Começava a guerra. Canudos foi atacado e o Conselheiro não concluiu a igreja dos seus derradeiros sonhos, que foi destruída pelos vencedores.

20. CEMITÉRIO DE CANUDOS

Está também incluído nas obras do Peregrino o cemitério do povoado de Canudos, situado no fundo da Igreja Velha ou de Santo Antonio. Foi o que soube e escreveu Manuel Benício: “Já tinha ele construído por detrás da Igreja Velha, um cemitério”³¹. Ouvimos ratificada a informação por sobreviventes da Guerra.

21. CEMITÉRIO DE RIACHO SECO

Na localidade de Riacho Seco, à margem direita do rio São Francisco, no município de Curaçá, Bahia, edificou o cemitério local³².

31 BENÍCIO, Manuel. *O Rei dos Jagunços*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comércio, 1899. p. 166.

32 MATTOS, João. "Descrição Histórica - Geográfica do Município de Curaçá" In: *Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia*, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1918. V. II, p. 431.

Aí estão 21 construções, entre igrejas e cemitérios. Vagamente, aqui e ali, algumas referências onde são apontadas edificações ou restaurações em Inhambupe, Barracão, Tucano. Nada absolutamente de concreto. Confusas informações, não raro.